



**HAL**  
open science

Mots-clés de la thèse: **BRIGGS, Frederico Guilherme**  
**(1813-1870)**

Carla Francisco

► **To cite this version:**

Carla Francisco. Mots-clés de la thèse: BRIGGS, Frederico Guilherme (1813-1870). 2024. hal-04700140

**HAL Id: hal-04700140**

**<https://hal.science/hal-04700140v1>**

Submitted on 17 Sep 2024

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons Attribution - NonCommercial - NoDerivatives 4.0 International License

# L'esclavage au visuel

---

Mots-clés de la thèse : BRIGGS, Frederico Guilherme (1813-1870)

---

## Édition électronique

URL <https://imageslavery.hypotheses.org/1358>

## Comment citer ce billet

Carla Francisco (16 septembre 2024). Mots-clés de la thèse: Briggs, Frederico Guilherme (1813-1870). *L'esclavage au visuel*. Consulté le 17 septembre 2024 à l'adresse <https://imageslavery.hypotheses.org/1358>

Un carnet de recherche proposé par



*L'esclavage au visuel* est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Pas de Modification 4.0 International.

## Mots-clés de la thèse: BRIGGS, Frederico Guilherme (1813-1870)<sup>i</sup>

Carla C. Francisco  
[carla.c.francisco@gmail.com](mailto:carla.c.francisco@gmail.com)

Frederico Guilherme Briggs, nascido no 13 de setembro de 1813 no Rio de Janeiro, é um, ilustre desconhecido da historiografia da arte brasileira oitocentista. Embora Briggs seja conhecido pelo seu papel no desenvolvimento da imprensa ilustrada, pelos seus “tipos sociais” e pelo seu pioneirismo na litografia brasileira, poucas pesquisas se dedicaram profundamente ao seu percurso artístico e social. Frederico Briggs é, contudo, uma figura simbólica para o estudo do contexto social, histórico e artístico no qual ele desenvolve sua prática de maneira mais ativa, isto é, entre 1820 e 1860. Em uma esfera individual, Briggs coloca em evidência o momento de plena mutação pela qual passa o Brasil e, mais especificamente, a cidade do Rio de Janeiro, corte imperial, nesse período. Filho de um inglês com uma brasileira, o percurso de Briggs, no Rio de Janeiro, após a transferência da coroa portuguesa em 1808, traduz esse processo de abertura, de mudança política e social que se instaura na sociedade brasileira.

As pistas de análise da *persona* social e artística de Briggs são múltiplas. Sua binacionalidade permite analisar no percurso de Briggs a questão identitária conturbada da formação da cultura e da pertença nacional no país. Em seguida, o jovem adulto Briggs se inscreve em 1826 na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) para seguir as aulas de paisagem e de arquitetura. Ele faz parte dos primeiros alunos da recém-fundada academia de artes, testemunhado um período crucial para a liberalização e profissionalização artística no Brasil. Figura secundária e periférica da historiografia da academia, ele é colega e aluno de artistas importantes para a compreensão do período. Durante sua formação acadêmica, Briggs participa da primeira exposição formal realizada no país, organizada pelo artista canônico da “iconografia dos viajantes”, Jean-Baptiste Debret (Paris, 1768 – 1848). Em 1831, ano de realização do primeiro concurso artístico no país para preencher a vaga de professor substituto da cátedra de paisagem, Briggs é classificado em segundo lugar. Descontente com os resultados, ele acusa os mestres franceses e portugueses, principalmente o professor de paisagem, o artista francês Felix-Émile Taunay (Montmorency, 1795 — Rio de Janeiro, 1891), de não serem imparciais na avaliação, protegendo o candidato alemão, Augusto Müller (Baden, 1815 — Rio de Janeiro, 1883). Essa querela coloca em evidência as rivalidades entre jovens artistas no exíguo meio artístico do Rio de Janeiro. A argumentação de ordem nacionalista e com caráter xenofóbico elaborada por Briggs e seu colega de academia, o artista brasileiro Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive (Rio de Janeiro, 1816 – 1863) é representativa das interações sociais conflituosas nos primeiros anos do período regencial.

Certamente, seu percurso acadêmico é menor e de curta duração. No final da década de 1830, ao retornar da Inglaterra, Briggs assume plenamente seu papel de litógrafo e impressor de estampas no Rio de Janeiro. A posição de artista popular, fomentador das artes gráficas e iniciador de uma cultura visual de massa no Brasil são aspectos que fazem de Briggs significativo para o estudo de caso da visibilidade da escravidão urbana no mercado de estampas do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.

## Um estudo de caso das litografias produzidas pelas oficinas de Frederico Briggs

A análise da visibilidade da escravidão urbana no Rio de Janeiro, a partir da constituição do mercado de estampas na cidade na primeira metade do século XIX, foi a questão de pesquisa da minha tese de doutorado, defendida em 2022 na Universidade de Aix Marseille<sup>ii</sup>. A abordagem foi realizada através do estudo de caso das litografias de Frederico Guilherme Briggs.

Realizar um estudo de caso aconteceu por um desses acasos que compõe todo trabalho de pesquisa, principalmente de doutorado. A ideia inicial era de analisar a representação de africanos e afro-descendentes no espaço público do Rio de Janeiro no século XIX. A etapa de elaboração do projeto de doutorado assim como no primeiro ano, momento de justificação do corpus de análise, foi um período de digestão, se assim posso dizer, dos resultados obtidos durante a realização do mestrado, cuja dissertação foi intitulada *Portraits en contraste: les représentations littéraires et iconographiques de la femme noire au Brésil, XIXe siècle* (Francisco, 2013). A investigação das imagens figurando mulheres negras na cultura visual e literária oitocentista brasileira permitiu o constato da importância crucial de cenas de rua nesse corpus iconográfico, principalmente a partir de obras de artistas franceses em situação de viagem no país. Foi uma constituição árdua do corpus nos primeiros momentos do doutorado, devido à massa de imagens que começou a se revelar através do trabalho de pesquisa iconográfica. Foi priorizado arquivos e coleções digitais de bibliotecas nacionais, como a *Gallica* da biblioteca nacional francesa, a *BnDigital* da Fundação biblioteca nacional do Brasil, para citar as mais significativas nesse momento de trabalho sobre o corpus. A organização dessas imagens colocou-me em um impasse diante da dificuldade, senão impossibilidade, de abordar a quantidade de imagens sobre as cenas de rua no Rio de Janeiro imperial.

A descrição detalhada desse processo é essencial como parte da reflexão sobre o avanço da minha posição de pesquisadora durante a realização do doutorado. A série de postagens “Mots-clés de la thèse” no blog acadêmico *L’esclavage au visuel* tem por objetivo colocar em evidência esse processo que é gradativo e, geralmente, inconsciente quando se está no processo de progressão do trabalho de pesquisa doutoral. Esta primeira dificuldade fez com que eu me aproximasse de especialistas que pudessem me auxiliar na definição dos meus ângulos de análise face às inúmeras possibilidades interpretativas a respeito das imagens da escravidão e da figura do escravo na cultura visual atlântica durante o período da colonização europeia da Américas, no eixo euro-americano. Nesse sentido e diante da impossibilidade

de abordar de modo quantitativo e qualitativo este corpus massivo, o estudo de caso se revelou como o procedimento mais propício de iniciar esse trabalho de investigação iconográfica. Esse constato é o resultado de vários encontros com diferentes pesquisadores e pesquisadoras que reforçaram alguns pontos cruciais concernente à problemática da tese, tais como: a importância de um ângulo específico e limitado de análise nas etapas iniciais do trabalho sobre a representação do negro nas artes visuais; a definição conceitual e formal do motivo da escravidão e da figura do escravo nas artes e na cultura visual escravista; a possibilidade de análise tipológica das imagens que compõem esse corpus.

## Fortuna crítica de Frederico G. Briggs

O estudo de caso de Briggs foi formulado como uma tentativa de resposta para esses questionamentos. Desejo aqui expressar meus agradecimentos ao Professor Doutor José Belmont de Simões Pessôa, da Universidade Federal Fluminense, membro do comitê de avaliação do meu doutorado e relator da minha defesa, que desde o início me chamou a atenção na identificação da especificidade de Briggs no corpus da “iconografia dos viajantes”<sup>iii</sup>.

Essa longa introdução para explicar meu percurso na escolha das litografias de Frederico Guilherme Briggs como estudo de caso da minha proposta de análise da visualidade da escravidão urbana poderia ser sintetizada nesta citação, que guiou a redação da introdução da minha tese de doutorado:

Pode parecer constrangedor, nessa perspectiva, que nós apareçamos em uma condição colonial, objeto construído por um olhar estrangeiro, condição, portanto, de exclusão. (Tal condição colonial, é bom que se lembre, ultrapassa os limites cronológicos da independência política) [...] para superar esse caráter de olhar excludente, seria bom trazer à tona o olhar nativo, que existiu, por certo, entre nós, embora seja praticamente ignorado (Nós sublinhamos. Meneses, 1992, p. 153).

Briggs se tornou rapidamente como exemplo desse olhar nativo, um contraponto à perspectiva estrangeira que domina logicamente a “iconografia dos viajantes”. No entanto, após a recuperação das litografias de Briggs, presentes majoritariamente em duas coleções brasileiras: a da FBN e do Instituto Moreira Salles (IMS), surpreendi-me com a escassez de trabalhos de pesquisa dedicados à interpretação dessas obras. Com efeito, a fortuna crítica sobre o percurso de Briggs é formada prioritariamente por quatro pesquisadores e pesquisadoras: Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, Orlando da Costa Ferreira, Renata Santos e Maria Inez Turazzi. Conservadora da biblioteca nacional brasileira nos anos 1970, Lygia da Cunha é o ponto de partida crucial de qualquer estudo sobre as oficinas de Briggs. Através dos estudos e da organização das coleções iconográficas da BN, ela analisa de maneira pioneira a obra de Briggs (Fernandes, 1970). Orlando da Costa (1976) contribui, com seu estudo erudito e ricamente documentado sobre a estampa brasileira, para a definição dos contornos da prática de Briggs, impressor de estampas. Maria Inês Turazzi (2004) organiza o catálogo com obras pouco vistas e estudadas presentes na coleção do Museu Imperial de Petrópolis (MIP) do conjunto de estampas costumbristas intitulado *Costumes do Brasil* (1840-1841), desenhado pelo artista fluminense Joaquim Barros de Lopes Cabral e litografado por Frederico Briggs em sua primeira oficina, *Lithographia Briggs* (1839-1841). Por fim, Rena-

ta Santos (2008) se inscreve na continuação desses trabalhos, principalmente do estudo de Orlando da Costa, associando o estudo da estampa luso-brasileira à iconografia dos viajantes.

Meu trabalho de tese se inscreve na continuidade dessas pesquisas. Trata-se da minha contribuição à essa fortuna crítica, principalmente no que concerne uma proposta de sociologia histórica do lugar ocupado por Briggs na micro comunidade artística no Rio de Janeiro do meados do século XIX, sua modernidade ao associar a forte demanda por imagens de sociedades escravistas nas redes atlânticas da estampa ao costumbrismo latino-americano, e por fim, a particularidade da representação da escravidão urbana brasileira em sua obra gráfica (Francisco, 2022).

## A releitura brasileira de Briggs dos “*cris de ville*”

A perspectiva pluridisciplinar e transversal que associa história da arte e história cultural foi o fundamento para atualizar certas concepções da temática costumbrista das estampas produzidas na oficina de Briggs, tais como:

[...] Mas o que surpreende saber é quão pouco absorvera Briggs, já com 25 anos, da experiência da casa Day & Haghe, uma vez que, podendo haver logo, em proveito de sua carreira, programado nova série de vistas do Rio, limitou-se a trabalhos elementares e, logo depois, a litografar uma série de ingênuas caricaturas. [...] [Ludwig e Briggs] editaram um documentário de trajes e costumes da época, num álbum de trinta estampas com o título de *The Brazilian [sic] Souvenir, a Selection of the most peculiar Costumes of the Brazils*, infelizmente sem qualquer valor como obra de arte (FERREIRA, 1994[1976], p. 368; 370)

Segundo o bibliógrafo, Briggs não adquiriu o conhecimento técnico da oficina inglesa *Day & Haghe*, uma das mais prestigiosas do período, onde foi aprendiz aproximadamente por dois anos. A razão dada por Orlando da Costa Ferreira é que ao invés de seguir as tendências em voga no Rio de Janeiro e observadas em um grande número de vistas e paisagens urbanas, dedicou-se à caricatura “ingênuas” e depois ao álbum de trajes e costumes nacionais.

A observação do desenvolvimento exponencial da caricatura europeia, particularmente da caricatura francesa nas décadas de 1830 e 1840 (Melot, 1998), e o renascimento dos *street cries* (Shesgreen, 2002) coloca em evidência a necessidade de atualização das tendências temáticas e técnicas estilísticas empregada por Briggs em suas oficinas. O conhecimento atual da litografia europeia nos primeiros trinta anos do século XIX mostra, de fato, que Briggs é mais moderno do que parece à primeira vista. Além disso, ele não apenas oferece sua própria contribuição em relação a essas tendências, mas também as vincula à cultura visual específica da América Latina, particularmente a das cenas costumbristas, ao associar suas obras às práticas em voga na litografia sul-americana do período (Francisco, 2021).

Ao propor uma releitura das litografias de Briggs associando-as aos “*cris de villes*” (gritos da cidade)<sup>iv</sup>, realizei uma análise comparativa das obras de Briggs com essa longa tradição europeia. Briggs parece ter se inspirado profundamente com os *Street cries* londrinos, em voga na cultura visual urbana britânica. No Brasil, ele propõe sua versão da vida urbana brasileira com a colaboração de artistas brasileiros e, provavelmente, de artistas estrangeiros de passagem como Eduard Hildebrandt (Dantzig, 1818

– Berlin, 1868). Nessa obra costumbrista urbana brasileira, Briggs se transforma no cronista visual do enraizamento do sistema escravista nas ruas da capital do Império do Brasil. Sem demonstrar o talento de um Debret, Briggs desenvolve, contudo, uma visão nacional do tema, a única conhecida no período.

Embora suas estampas não tenham alcançado uma recepção alargada, pelo menos é que se é conhecido no estado atual da pesquisa de acervo, constatei que a escolha pela comercialização de estampas avulsas pelas suas oficinas, modo que ele privilegia ao invés da constituição de álbuns, provavelmente por questões econômicas, permitiu que muitas estampas elaboradas em suas oficinas figurassem em publicações e artigos de imprensa nos Estados Unidos.

Finalmente, o estudo de caso de Briggs colocou em evidência muitos aspectos que fundamentam as pistas que tenho por objetivo explorar na minha pesquisa: como a rede trocas de imagens coloniais e da escravidão, a circulação de artistas, técnicas e modelos de representação tendo como ponto de partida a análise da constituição dos meios artísticos latino-americanos, as imagens da escravidão como ferramentas potentes de consolidação do sistema escravagista no século XIX. Analisar a persona social de Briggs assim como sua obra gráfica permitiu delinear também o dinamismo da litografia brasileira, apesar do mercado exíguo de estampas quando comparado aos grandes centros da técnica que são Paris e Londres. Ele contribuiu para a formação da visualidade de Rio de Janeiro e torna-se assim peça importante, pelo seu olhar nativo, na representação de Rio de Janeiro como uma cidade escravista.

## Trabalhos citados na postagem

Cunha, L. F. F. (1970). *Briggs, Frederico Guilherme ; Ludwig, Pedro. Lembrança do Brasil, Ludwig and Briggs*. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional.

Ferreira, O. C. (1994[1976]). *Imagem e Letra; introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: EdUSP.

Francisco, C. (2022). *La visualité de l'esclavage urbain dans le marché de l'estampe à Rio de Janeiro: le cas de Frederico Briggs, 1820-1850*. Tese de doutorado. Estudos românicos. Aix-en-Provence, Université d'Aix Marseille.

\_\_\_\_\_ (2022). “La figure visuelle du travailleur citadin noir dans le Costumbrismo argentin et brésilien des années 1830”. *Cahiers d'études romanes*, n. 43 URL:

<http://journals.openedition.org/etudesromanes/13138>

\_\_\_\_\_ (2013). *Portrait en contraste: l'imaginaire dans les représentations iconographiques et littéraires de la femme noire au Brésil (XIXe siècle)*. Dissertação de mestrado. Estudos românicos. Aix-en-Provence, Université d'Aix Marseille.

Lima V. A. E. (2017), “Silêncios e vazios: a iconografia dos viajantes e os tempos de ver”. *XII Encontro de História da arte*, pp. 594-601.

Melot, M. (1988). “La caricature et la lithographie sociale”. In *Connaître et choisir la lithographie*, organizado por Jean Adhémar et al. Paris: Celiv, Fernand Nathan éditeur, p. 207-20.

Meneses, U. B. (1996). “Morfologia das cidades brasileiras. Introdução ao estudo histórico da iconografia urbana”. *Revista USP*, n. 30, p. 142-155. URL:

<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25914/27646>

Santos, R. (2008). *A imagem gravada: a gravura no Rio de Janeiro entre 1808 e 1853*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Shesgreen, S. (2002). *The Image of the Outcast. The Urban Poor in the Cries of London*. Manchester : Manchester: University Press.

## Notas de fin

---

<sup>i</sup> O termo “mot-clé” (palavra-chave) é definido como “uma palavra que se refere a um conceito importante (em um texto ou discurso); uma palavra escolhida para identificar um conceito na indexação de um documento”. (Le Robert). A indexação digital perene e o acesso aberto de minha tese, depositada no HAL (arquivo digital francês multidisciplinar que fornece acesso aberto a resultados de pesquisas publicadas e não publicadas.), foram seguidos de uma reflexão sobre minhas escolhas analíticas, temáticas e teóricas. Os rastros do trabalho na tese e os estágios no amadurecimento da problemática são os vestígios dessas escolhas. A série de postagens intitulada “Mots-clés de la thèse” (Palavras-chave do doutorado) destaca essas escolhas e etapas por meio de uma análise crítica do processo de realização de um doutorado. Esta primeira publicação da série é a única redigida em português. Briggs é um litógrafo, impressor de estampas e artista anglo-brasileiro que é desconhecido fora dos limites da história da arte brasileira do século XIX. A intenção de escrever em português é tornar as trocas mais abertas.

<sup>ii</sup> Ver Francisco, 2022. Disponível para consulta *online* <https://hal.science/tel-04696828>

<sup>iii</sup> Eu tenho reticências com o uso da nomenclatura “iconografia dos viajantes” a qual prefiro “iconografia brasileira”. Explorarei essa questão em postagens futuras, ver a reflexão de Lima, 2017.

<sup>iv</sup> “Os “gritos de Paris” se referem ao mundo dos comerciantes itinerantes, os pequenos comércios não qualificados que lotam as ruas de Paris. Durante três séculos, os “gritos de Paris” foram um tema de inspiração literária, iconográfica e musical.” Ver a coleção temática da biblioteca digital francesa *Gallica* sobre essa produção cultural <https://gallica.bnf.fr/html/und/histoire/les-cris-de-paris?mode=desktop>